

ARGENTARIUM

COLLEGAMENTO I.M.S.P.

Edição em Português



INSTITUTO DAS MISSIONARIAS SECULARES DA PAIXÃO

ANO XXVII. N. 3-4
JULHO-DEZEMBRO 2020



O povo que caminhava na escuridão
viu uma grande luz;
sobre aqueles que viviam em uma terra de escuridão
uma luz brilhou.
Você multiplicou a alegria,
você aumentou a alegria.

Desde que nasceu uma criança para nós,
nos foi dado um filho.
Em seus ombros está o sinal da soberania
e é chamado:
Conselheiro Admirável, Deus poderoso,
Pai Eterno, Príncipe da Paz; (Is. 9, 1-2.5)

Que a luz de Cristo ilumine cada homem e marque o caminho de um novo renascimento.

Os melhores votos de um Santo Natal e um ano novo tranquilo.

FALANDO SOBRE ...

Certamente é a percepção de muitos de nós que hoje na linguagem cotidiana nos deixamos ser muito vulgares e sem o respeito devido à inteligência humana e ... à filiação divina.

Demasiados palavrões e exclamações inoportunas e muitas vezes culpando o nosso interlocutor direto ou mesmo simplesmente, ainda mais, em falar sobre isto ou aquilo no nosso dia a dia ou nas redes sociais, pior ainda! A linguagem mata, o Papa Francisco já disse várias vezes e volta a falar sobre isso em sua última encíclica, a da fraternidade e da amizade social, intitulada “Todos os irmãos”, quando nos lembra que devemos “recuperar a bondade” e que “ainda é possível escolher exercer a bondade”(cap. VI).

Lemos no n. 223 do capítulo VI: “São Paulo mencionou um fruto do Espírito Santo com a palavra grega chrestotes (Gl 5,22), que expressa um estado de espírito que não é áspero, áspero, duro, mas amável, manso, que sustenta e conforta. A Pessoa que possui esta qualidade ajuda os outros para que sua existência seja mais suportável, principalmente quando suportam o peso de seus problemas, urgências e angústias. É uma forma de tratar o outro que se manifesta de diferentes formas: como gentileza no traço, como atenção para não magoar com palavras ou gestos, como tentativa de aliviar o peso dos outros. Inclui / dizer palavras de encorajamento, que confortam, que dão força, que consolam, que estimulam /, em vez de / palavras que humilham, que entristecem, que irritam, que desprezam / (de *Amoris Laetitia*).

Bondade - continua o Papa Francisco, não estamos. 224 da encíclica - é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm o direito de

ser felizes. Hoje raramente há tempo e energia disponíveis para fazer uma pausa para tratar bem os outros, para dizer “permissão”, “desculpe”, “obrigado”, de uma pessoa gentil, que deixa de lado suas preocupações e urgências para prestar atenção, para dar um sorriso, para dizer uma palavra de estímulo, para tornar possível um espaço de escuta em meio a tanta indiferença. Esse esforço, vivido todos os dias, é capaz de criar aquela convivência saudável que supera mal-entendidos e evita conflitos. A prática da bondade não é um detalhe secundário, nem uma atitude superficial ou burguesa. Por pressupor estima e respeito, quando a cultura se desenvolve em sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, a forma de discutir e comparar ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes”.

Portanto, não só uma questão de linguagem, mas daquela benevolência, como a palavra *chrestotes* poderia traduzir, aquela gentileza, como diz o Papa, que é um estilo de vida próprio dos irmãos e que só pode permitir a verdadeira amizade humana. Para ser relido palavra por palavra e meditando sobre o que o Santo Padre escreveu, é válido para a nossa vida pessoal e para o compromisso no mundo que queremos oferecer.

V.C.

NESTE NÚMERO

O número do “*Collegamento*” que apresentamos é a união do terceiro e quarto, pois devido ao COVID-19 a conferência anual italiana não foi realizada e o número de Anais, dedicado ao evento, foi pulado. Esta edição chega à imprensa no final do outono, com um certo ressurgimento do vírus na Itália e que se torna ainda mais incessante e perigoso em todo o mundo. É um período difícil que nos confronta com várias questões sobre a nossa existência, nosso comportamento ético e solidário em um mundo cada vez mais conectado e cada vez mais “menor” para vivermos juntos.

Neste número, porém, encontramos um refresco pela leitura de numerosas contribuições que nos ajudam a refletir e, nestes períodos de escassez de encontros presenciais, nos dão a oportunidade de recorrer aos conteúdos propostos, de um olhar concentrado sobre o formação e temas fortes, que ajudam todos os membros de um Instituto Secular a viver conscientemente nas ruas do mundo, mesmo quando as ruas são mais desertas e difíceis de transitar. Além das intervenções fixas do nosso jornal, sempre eficazes e de grande interesse, gostaríamos de sublinhar os artigos da parte central: encontramos a terceira parte do artigo de Pina Gulisano, depois uma comovente intervenção de padre Gianni e, a seguir, duas interessantes contribuições do Brasil e da Colômbia sobre espiritualidade familiar escritas por duas duplas de colaboradores dessas comunidades. Estas intervenções merecem destaque porque provêm dos Casais Colaboradores, que vão desenvolvendo progressivamente, nas várias partes do mundo onde o Instituto está presente, a sua pertença e fecundidade neste apelo. Depois do artigo de Claudio e Cetty na coluna Colaboradores, ao qual nos referimos para maiores detalhes, encontramos uma memória efetiva e incisiva da Missionária Rina de Comunidade de Catânia, recentemente elevada ao céu pelos esposos Borzì, que a conheceram e estiveram perto dela no último período da

sua fecunda e especial existência. No final, encontramos o canto dos livros de Mariella e Salvo, que nos dão algumas sugestões muito úteis para a formação, através da leitura de textos atentos às questões próximas à vocação secular. Concluimos esta introdução com os melhores votos de um Santo Natal e um feliz Ano Novo, retomando a frase que abre este número, que nos acompanhará durante o período natalício:

“Que a luz de Cristo ilumine cada homem e marque o caminho de um novo renascimento”

Saudações a todos

Os Editores

INSTITUTO DAS MISSIONARIAS SECOLARES DA PAXÃO
ARGENTARIUM
COLLEGAMENTO M. S. P.
ANO XXVII N. 3-4 JULHO -DEZEMBRO 2020



SUMÁRIO

Fakando sobre ...	V. Caruso	Pag.	3
Neste número	Os Editores	“	5
Aos membros do Instituto	P. Generoso c.p.	“	8
Pelo Assistente Espiritual Geral	P. Valter c.p.	“	12
O pensamento da Presidente	P. D'Urso	“	14
Pela Responsável Geral de Formação	M. E. Zappalà	“	16
Da Itália:			
Seguindo Cristo	P. Gulisano	“	20
A encarnação continua?	P. G. Raciti	“	27
Do Brasil:			
Fedelidade e amor no matrimônio	A. J. Carvalhal	“	31
Da Colômbia:			
Amor e santidade conjugal na vida consagrada	C. S. Gaitán e E. I. Figueredo	“	34
Coluna dos Colaboradores :			
<i>Família lugar de amor circulante</i>	C. e C. Grasso	“	37
Afetuosas recordação de Rina Sampieri	M. e S. Borzì	“	40
Crônica Flash		“	43
O canto dos livros		“	46

Periódico trimestral de cultura religiosa para distribuição gratuita

Editado por: Istituto Missionarie Secolari della Passione

Via del Bosco 11 - 95030 Mascalucia CT

Direção, Administração, Redação e impressão: Via del Bosco 11 95030 Mascalucia CT

Tel.: **095 6768740** E:mail segreteria@secolari.it

Site internet: <http://www.secolari.it>

Diretora: Melina Ciccìa

Registrado Tribunale di Catania n.13/94 del 18/5/1994

Diretor Responsável: Vincenzo Caruso



AOS MEMBROS DO INSTITUTO “SEMPRE CONVOSCO ...”

Momentos fortes do Espírito

AOS MEMBROS DO INSTITUTO M.S.P.

A vida cristã é uma jornada de perfeição

A vida cristã é um caminho de perfeição, o Batismo foi o primeiro e fundamental marco histórico e conforma-nos a Cristo crucificado e ressuscitado.

“Pelo Batismo fomos sepultados com Ele na morte porque, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós podemos caminhar numa nova vida”. (Rm 6,4)

Mas o Batismo é apenas o começo de uma jornada tão longa quanto nossa vida. A Igreja guia-nos no caminho com aqueles meios maravilhosos que são a Palavra e os Sacramentos.

O velho é difícil de morrer e nos faz sofrer por toda a nossa existência, mas se o caminho for verdadeiro, as sementes da ressurreição aparecem constantemente até a transfiguração do espírito e, por fim, até a visão bendita.

Neste caminho cansativo e glorioso, o Senhor Jesus deu-nos um meio surpreendente que a Igreja recomenda: o Sacramento da Penitência.

É necessário que cada um de nós redescubra este sacramento e o use para uma conversão constante. Basta mettersi sotto lo sguardo della bellissima parabola del Figliol prodigo per capire quali dovrebbero essere le disposizioni alla confessione:

Basta olhar para a bela parábola do filho pródigo para entender quais devem ser as disposições para a confissão:

- é o reconhecimento de nossos pecados;
- é a determinação de se lançar aos pés do Pai;
- é a confissão sincera de nossos pecados;
- é o beijo do Pai ao filho penitente;
- é a alegria do perdão e da reconciliação.

A confissão é uma etapa maravilhosa do nosso caminho de conversão que começou com o

Batismo e continuamos com o saudável remédio do Sacramento da Penitência.

É um estágio ... bem aqui devemos descobrir o quão fundamental é a confissão.

Criaturas fracas, entendemos que nosso peso tende a nos deixar mais baixos a cada dia.

A confissão, portanto, deve ser uma “retomada”, um momento de verdadeira “conversão” à santidade, àquele caminho que a vida cristã nos mostra e, mais ainda, àquele caminho que a nossa “Consagração” necessariamente implica.

É perigoso subestimar este grande dom de Deus, é muito precioso tê-lo em alta consideração.

Pio XII, na encíclica "Mystici Corporis", oferece-nos razões claras para nos exortar a confissões frequentes. "É verdade, diz o Papa, que de muitas maneiras louváveis esses pecados podem ser expiados, mas, para um progresso mais rápido no caminho da virtude, recomendamos fortemente este uso piedoso da confissão [...] frequente com a qual se aumenta o próprio autoconhecimento. A humildade cristã cresce, a perversidade da moral é extirpada, o abandono e o torpor espiritual são resistidos, a consciência é purificada, a vontade é revigorada, a direção sã da consciência é obtida, a graça é aumentada [...] >.

Algumas reflexões sobre algumas declarações

“Aumente o autoconhecimento correto”

É um fato inegável que, quando a alma progride na vida interior, se vê impura e ao mesmo tempo sente um grande desejo de purificar-se cada vez mais. A princípio ela sente os pecados veniais e as agressões mais grosseiras, depois começa a sentir até as leves imperfeições e infidelidades que, mesmo que não atinjam o pecado, a colocam em um estado de escassa adesão à mentalidade e à ação. de Jesus, ele sente e sente a dor da distração, dos ataques desordenados a si mesmo e às criaturas [...].

“Você resiste à negligência e ao entorpecimento espiritual”

A confissão frequente mantém a alma alerta para um autocontrole mais frequente, para a recordação habitual. Saiba o que acontece por dentro, aprenda a perceber onde estão seus afetos, movimentos, intenções, pois não precisa de um longo exame de consciência ou de muito tempo para experimentar a dor de seus pecados sendo o único outra coisa sempre um pouco presente em seu espírito.

“A consciência é purificada”

Como afirma o Papa na passagem citada, para cancelar os pecados veniais bastam os sacramentais, sem com isso anular a ação do sacramento da confissão, que atua sobre a alma com muito mais eficácia, seus efeitos são mais profundos e radicais pela influência Cristificando a Humanidade de Cristo. Além disso, deve-se observar que todo sacramento, além de graça crescente, confere a chamada graça sacramental, que no caso da confissão é constituída por aquele complexo de graças que pode ser identificado em uma dor mais íntima, em uma purificação mais profunda e em ajudas especiais para superar os defeitos em que se caiu.

“Graça aumentada”

Este efeito é certamente um dos mais importantes, especialmente para as almas que têm a graça de não acusar pecados mortais.

Precisamente aqui o sacramento se apresenta a nós no seu aspecto construtivo e alegre.

De particular interesse são as palavras que o confessor diz após dar a absolvição:

“[...] tudo o que fizeste bem e suportaste o mal, frutos para ti na remissão dos pecados, num aumento da graça e como recompensa da vida eterna [...]”.

É nossa tarefa ajudar o confessor a nos apoiar com conselhos apropriados e com penitência eficaz para o progresso espiritual.

De tudo isso fica evidente a prudência na escolha do confessor, não sem antes ter orado muito e aconselhado pelo menos com os próprios líderes.

P. Generoso c.p.

PELO ASSISTENTE ESPIRITUAL GERAL

p. Valter Lucco Borlera cp

Este sentimento de pertença

Dentre as muitas situações difíceis desse período, nossa mente retrabalhou muitas experiências, levando-nos gradativamente a reler a realidade com diferentes perspectivas. Não só a saúde, física ou espiritual, mas também muitos mecanismos sociais foram transformados. Nossas instalações, que até recentemente nos davam segurança, agora não são mais tão confiáveis.

Foi o que aconteceu com os primeiros catecúmenos de origem judaica quando se prepararam para receber o batismo: tiveram que desfazer algumas de suas próprias certezas para compreender a importância da precariedade e da doação imposta pelo cristianismo.

O Evangelho de Mateus proposto aos domingos deste ano litúrgico fez-nos compreender algumas dificuldades dos primeiros tempos, que já não bastavam os dez mandamentos, mas obras de caridade, formação e educação continuadas, um deixar-se amar contínuo, um gradual. e o confronto desafiador, onde a misericórdia recebida devia corresponder à implementação do mandamento do amor.

Certamente, a necessidade de se sentir comunidade, de celebrar a festa, surgiu ao longo do caminho no sentido de pertença a Cristo Jesus e à comunidade e onde os dons específicos dela e de cada pessoa não podiam mais ser ocultados.

Nestes meses meses de pandemia, de forma diferente e paralela, a nossa consagração foi posta à prova. Não só como cristãos

baptizados, mas também como pertencentes a um instituto secular, encerrados nas nossas casas, participando na vida da comunidade através dos meios de comunicação, não podendo aceder aos sacramentos, tendo que passar longos dias sem fazer nada. Experimentamos, como os bons judeus do início do cristianismo, aquele mal-estar que ia mudar a vida, sentir a forte necessidade de contato com a comunidade, de gozar a presença eucarística de Jesus na celebração dominical, a necessidade de catequese e confronto com a Palavra. Experimentamos a nível humano e espiritual a necessidade de partilhar a nossa fé com alguém pela simples razão de sermos consagrados onde a pobreza, a castidade, a obediência e a propagação do Mistério da Paixão os sentimos mais encarnados nas nossas escolhas. Lutamos para não ser ilhas, porque sentimos a necessidade de criar relacionamentos, pontes a serem construídas ao nosso redor para viver a vida em plenitude.

Em nós, mais atentos e sensíveis à vida comunitária, emergiu a necessidade de pertencer, de poder comunicar e partilhar o caminho, onde emergiu os conteúdos da formação já não caem de cima, mas fomos chamados a formar-nos a nível pessoal.

O sentido de pertença à comunidade e ao Instituto Secular foi fortalecido, porque no passado era mais fácil referir-se ao Padre Generoso e isso bastava. Agora, aquelas faíscas, colhidas ao longo do tempo, tivemos que fazê-las dar frutos para nos sentirmos mais unidos, solidários, cheios de fé e necessidade de novidade. Tornar nosso o mistério da paixão consolidou-nos por dentro e, fortalecidos por esta prova, olhamos para a frente. Talvez alguém perceba o nosso sentimento de pertença e talvez sinta a necessidade de partilhar a mesma experiência vocacional.

Não esqueçamos que o momento de prova é sempre uma antecipação de múltiplos dons: não percamos esta oportunidade. Devemos acreditar nisso e tentar compartilhar a beleza de nosso sentimento de pertencimento.

O PENSAMENTO DA PRESIDENTE

VOCAÇÃO E AÇÃO

Este período particular da história caracterizado pelo aparecimento de um vírus, invisível por sua natureza, mas capaz de colocar de joelhos a economia do mundo inteiro, semeando a morte e o medo, não é fácil de interpretar e nem é óbvio vivê-lo sem deixar uma marca. Em nossas vidas; certamente não podemos permanecer espectadores, mas somos seus intérpretes, para melhor ou para pior, e por isso nos desafia pessoalmente e como comunidade, e entre os aspectos que nos envolvem está certamente o sentido da nossa consagração e o quanto ela significa. para nós, para nossas comunidades, para a Igreja, hoje! Diante das dificuldades, qual é a nossa reação? Só podemos percorrer dois caminhos: o do desespero, deixando o mal terminar sua obra, ou o **da ação plenamente responsável**, como afirma nossa Constituição no artigo 4º: relendo-o, percebemos que nossa consagração não tem sentido se não for deixado à vontade de Deus!

Como reconhecer a vontade de Deus e o que Deus nos pede neste momento histórico particular? Não há dúvida de que a oração desempenha um papel preponderante, dela deriva a vitalidade da escuta! Nossa opção secular, porém, nos lembra **continuamente de compartilhar em tudo as condições e esforços dos irmãos, de trabalhar com todos os meios em vista de uma autêntica promoção humana** (Const. Art. 4), o mundo atacado pelo vírus não é o lugar de contaminação, mas nosso lugar teológico, o lugar onde Deus se revela ... mas nós estamos aí? Somos capazes de ver Deus mesmo na dor?

Viver o carisma da Paixão não significa apenas lembrar a paixão de Jesus, seria muito simplista, é preciso cavar e mergulhar no seu significado, nunca descobriremos que ato de amor autêntico se esconde por trás de cada acontecimento humano.

se não vivêssemos a certeza do amor de Deus por cada uma de suas criaturas, sejam elas justas ou más, e mesmo onde parece que o "mal"; tomou conta, a ação de Deus é capaz de transformar qualquer cruz em ressurreição. “Ação” é a palavra que deveria nos pertencer, um dinamismo ativo e positivo movido pela chama da “Paixão”, onde não há “Paixão”, não há movimento! Muitas vezes nos iludimos que é suficiente passarmos alguns momentos em oração com Deus para sermos bons cristãos! É verdade que precisamos falar com Deus e com Ele conosco, mas se essa intimidade não for acompanhada de ação, nossas lindas “orações” não dão frutos! Deus se manifesta no homem e o homem é chamado a revelá-lo, este dinamismo circular cessa cada vez que nos perdemos nos negócios pessoais, na ociosidade, no interesse próprio e perdemos de vista o bem comum! Que triste realidade encontrar um cristão que não tem tempo para Deus, que reduz o seu ser cristão apenas a alguns momentos de oração e à Santa Missa dominical, que sem se dar conta não sabe amar e permanece escravo de si mesmo!

«Pelo modo como te amais, eles me reconhecerão, reconhecerão que sois meus discípulos», diz Deus claramente: o cristão não é cristão se não sabe amar e saber amar significa colocar o outro / os outros em primeiro lugar, afastar-se de si para dar aos outros, cuidar e cuidar dos outros, desejar o bem do outro antes do seu ... “morrer” pelos outros como Jesus morreu na cruz por nós! O mundo, mesmo o da pandemia, é o lugar teológico da nossa vocação secular (Const. Art. 29), é muito arriscado “fechar-se” por medo do contágio não só do vírus mas de todos aqueles problemas que nosso século, nossas comunidades estão passando, mas é ainda mais arriscado “fechar-se” por medo de morrer para si mesmo para tentar *“mergulhar no mar da Paixão”*... e depois nos abrimos cada vez mais para ouvir Deus, deixá-lo entrar em nossas vidas, invadi-las com o poder de seu amor para poder fazer “Suas” ações de nossas ações.

Patrizia

PELA RESPONSÁVEL GERAL DE FORMAÇÃO

O discernimento espiritual (primeira parte)

Caros amigos, depois da reunião da assembleia da comunidade de Catânia, ocorreu-me que é preciso refletir sobre o discernimento pessoal e comunitário.

A primeira pergunta que me perguntei é:

o que é discernimento?

Se procurarmos em um dicionário diferentes sinônimos, o que me parece útil é que o termo discernimento indica a ação de separar o que é útil, apropriado, bom, do que é inútil, prejudicial, enganoso. E isso em qualquer campo da ação humana, principalmente quando o que anima e direciona o processo de tomada de decisão é a vontade de agir e fazer o bem, não só para si, mas também para os outros.

Com efeito, o homem não é apenas um "corpo", mas sobretudo um “espírito” capaz de se relacionar com o seu Criador e, portanto, chamado a referir-se a Deus no pensar, falar, decidir e agir. E este “referir-se a Deus” não significa antes de tudo a aceitação passiva de uma vontade “alheia”; às vezes incompreensível, difícil de aceitar, **mas é a bússola que** nos permite reconhecer a ação do Espírito Santo em nossa vida, em nossas comunidades. e no mundo. Hoje como ontem, Deus continua a agir e a acompanhar a sua Igreja, mas muitas vezes não reconhecemos a sua voz.

“A formação no discernimento, como diz o Papa Francisco, é urgente porque nos ajuda a ouvir, a reconhecer e a ser dóceis ao Espírito do Senhor nos grandes desafios do mundo e da missão da Igreja. Sem discernimento espiritual e pastoral, somos cegos”. O Papa, em 23 de março de 2013, afirmou que “*seguindo, acompanhar* Cristo, ficar com ele exige uma “saída”. Sair de si mesmo, de uma forma cansada

e rotineira de viver a fé ».

Discernir é uma arte, é um trabalho do artesão que se faz no presente, que nos introduz no presente e que tem um propósito muito específico que procura destacar, entrar na própria vida.

Três anos depois, com a exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família *Amoris laetitia*, o Papa Francisco colocou o discernimento no centro da vida da Igreja, abrindo nossos olhos para a necessidade de crescer neste método. O discernimento exige que se identifiquem os passos de fé adequados às pessoas individualmente, com a gradação que não tende a destruir o positivo existente, a nova relação afetiva e os filhos nela gerados, mas a fazê-la crescer numa autêntica perspectiva de fé em comunhão com a Igreja.

O discernimento deve ajudar a encontrar maneiras possíveis de responder a Deus e de crescer além dos limites. Acreditando que tudo é preto ou branco, às vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento e desencorajamos os caminhos da santificação que dão glória a Deus.

Lembramos que “um pequeno passo, em meio às grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que vida exteriormente correta de quem passa os dias sem enfrentar dificuldades importantes ». O discernimento requer atenção ao que acontece no coração de cada homem e mulher.

Trata-se de acompanhar a pessoa desde o ponto em que se encontra, com um aprofundamento progressivo das exigências do Evangelho, isto é, perseguir o bem possível naquela situação.

Na caminhada progressiva rumo ao ideal, o bem possível, comparável ao passo segundo a perna do caminhante, não pode ser estabelecido por “uma nova norma geral de tipo canônico, aplicável a todos os casos”, mas requer “um discernimento pessoal responsável e pastoral de casos particulares” (AL 300), porque “um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que uma vida exteriormente corrupta de quem passa os dias sem enfrentar dificuldades importantes” (AL 305).

1. Um dos princípios fundamentais do discernimento é o cuidado com o interior e a formação de uma consciência sã

A formação da consciência é o caminho de toda a vida que pressupõe um cuidado constante com a interioridade que inclui os momentos de silêncio, a contemplação orante e a escuta da Palavra, o apoio da prática sacramental e o ensino da Igreja. Além disso, é necessária uma prática habitual do bem, verificada no exame de consciência: um exercício em que não se trate apenas de identificar os pecados, mas também de reconhecer a obra de Deus na própria experiência quotidiana, nos acontecimentos da história e das culturas da. no qual ele entrou, no testemunho de muitos outros homens e mulheres que nos precederam ou nos acompanham com sua sabedoria. Tudo isso ajuda a crescer na virtude da prudência, articulando a orientação global da existência com escolhas concretas, na consciência serena dos próprios dons e limitações. Como encontro com o Senhor que se faz presente na intimidade do coração, o discernimento só pode ser nutrido, fundamentado e aprofundado no contexto da oração. Por isso requer tempos adequados de recolhimento e silêncio, tanto na regularidade da vida cotidiana como em momentos privilegiados, como retiros, cursos de exercícios espirituais, peregrinações, etc. Um sério discernimento alimenta-se de todas as ocasiões de encontro com o Senhor e de aprofundamento e familiaridade com Ele, nas várias formas com que se faz presente: os Sacramentos, e em particular a Eucaristia e a Reconciliação: escuta e meditação. da Palavra de Deus, Lectio divina na comunidade, experiência fraterna de vida comum; o encontro com os pobres com os quais o Senhor Jesus se identifica.

2. Outro princípio de discernimento é a atenção à vida sacramental e às disposições interiores particulares

A confissão e a sagrada comunhão são altamente recomendadas. Cada dia o corpo sente necessidade do seu alimento, e a alma não sentirá necessidade do seu Pão, do Pão vivo que desceu do céu? .., a pessoa será honesta, se atender bem aos Santos Sacramentos ... pena não deve ser pesada e sombrio: a religião deve ser como um alto raio de luz que ilumina, aquece, faz o bem, deseja e dá vida.

Abrir-se à escuta da voz do Espírito, fazer discernimento espiritual, exige disposições interiores precisas e perguntas precisas.

A primeira disposição interior é a atenção do coração, favorecida por um silêncio e um esvaziamento que exige uma ascese (exercício, treino).

Igualmente fundamentais são a consciência, a autoaceitação (aliás é muito importante permitir-se reconciliar-se pelo Senhor consigo mesmo, com o seu passado, com os outros, pedindo a cura dos relacionamentos e das feridas interiores) e o arrependimento, combinado com a disponibilidade para colocar ordem na vida, abandonando o que deveria ser um obstáculo, e recuperar a liberdade interior necessária para fazer escolhas guiadas apenas pelo Espírito Santo.

O bom discernimento também requer atenção aos movimentos do coração, crescendo na capacidade de reconhecê-los e dar-lhes um nome.

Por fim, o discernimento exige coragem para se engajar na luta espiritual, pois haverá tentações e obstáculos que o Maligno colocará em nosso caminho.

Desejo que todos nós possamos superar as dificuldades.

Maria Emilia Zappalà

SEGUINDO CRISTO

Relatamos a terceira parte do artigo, cuja segunda parte foi apresentada na edição anterior, extraída do “Encontro n° 5, 2019”. O artigo resulta de uma reportagem realizada em Agrigento, no dia 4 de março de 2019, por Pina Gulisano, Missionária Secular do Evangelho.

CONSELHOS EVANGÉLICOS E SECULARIDADE

Pequeno quadro sinótico

Pensei em fazer um pequeno quadro sinótico relativo aos conselhos evangélicos a partir do Código de Direito Canônico e de Paulo VI; cada um de vocês poderá pensar nas próprias Constituições.

Castidade Can. 599:

«O conselho evangélico de castidade assumido para o Reino dos céus, que é sinal de vida futura e fonte de uma fecundidade mais rica no coração indiviso, comporta a obrigação de continência perfeita no celibato».

Paulo VI:

“A castidade torna-se um exercício e um exemplo vivo de autocontrole e de vida no espírito, voltado para as realidades celestiais, em um mundo que se dobra sobre si mesmo e liberta incontrolavelmente seus instintos” (2 de fevereiro de 1972).

«A tua castidade diz ao mundo que se pode amar com a indiferença e inesgotabilidade que vem do coração de Deus, e que se pode dedicar-se com alegria a todos, sem se ligar a ninguém, sobretudo cuidando dos mais abandonados» (20 de setembro de 1972).

O voto de castidade compromete-nos a continência, é o sinal profético do Reino dos céus, é um exemplo da capacidade de dominar os próprios instintos, é dizer que se pode viver sem um vínculo afetivo estável e único e não por isso ter o coração seco, em vez!

A minha castidade hoje é uma grande provocação se e na medida em que me torno um questionamento para aqueles que vivem ao meu lado, se e na medida em que sou credível!

Num texto de Rosário Livatino, o magistrado assassinado pela máfia e que você conhece melhor do que eu, cito de memória, então lemos: *não seremos julgados por quanto fomos crentes, mas por quanto fomos credíveis!* Aqui: quão credível eu sou ???

Pobreza Can. 600:

«O conselho evangélico da pobreza, à imitação de Cristo que, sendo rico, se fez pobre por nós, além de uma vida pobre de fato e de espírito a ser conduzida com uma sobriedade laboriosa que não condescende com as riquezas terrenas, envolve dependência e limitação de utilizar e dispor dos bens, de acordo com a legislação própria de cada instituição».

Paulo VI:

“A pobreza torna-se um modelo de relação que se deve ter com os bens criados e seu uso correto, com uma atitude que vale tanto nos países desenvolvidos, onde a ansiedade de possuir ameaça seriamente os valores evangélicos, quanto nos países menos dotados, onde a vossa pobreza é sinal de solidariedade e de presença para com os irmãos provados ”(2 de fevereiro de 1972).

A Minha promessa de pobreza me envolve em mil frentes, porque é melhor dizer com clareza, o risco que corro hoje é o de me tornar burguês. Paulo VI em 1972 dizia que *se pode viver entre os bens temporais e utilizar os meios da civilização e do progresso, sem se tornar escravo de nenhum deles. E em vez disso, o risco de nós correremos é precisamente para nos tornarmos escravos do progresso e*

da civilização! Corremos o risco de nos tornarmos escravos das coisas!

A pobreza não me envolve apenas economicamente. Talvez o econômico seja o mais fácil: dou minha contribuição, faço minha solidariedade, limpo minha consciência, e então ...

A pobreza que como mulher consagrada secular sou chamada a viver no mundo é muito mais:

relativizar os bens terrenos em favor do Bem por excelência, ou seja, Deus; saiba que não sou eu que dependo dos bens (célula ...), mas dos bens de mim;

aprecio o teu trabalho porque hoje é uma graça trabalhar e porque através do trabalho partilho a vida de todos os homens, partilho os seus esforços ... São poucos.

Obediência Can. 601:

“O conselho evangélico de obediência, aceito com espírito de fé e amor ao seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga-nos a submeter a vontade a Superiores legítimos, como representantes de Deus, quando mandam segundo as suas próprias constituições”.

Paulo VI:

“A obediência torna-se testemunho da aceitação humilde da mediação da Igreja e, mais geralmente, da sabedoria de Deus que governa o mundo” (2 de fevereiro de 1972).

«A tua obediência diz ao mundo que podes ser feliz sem te deteres numa escolha pessoal cómoda, mas permanecendo totalmente disponível à vontade de Deus, tal como surge da vida quotidiana, dos sinais dos tempos e das necessidades de salvação do mundo de hoje». Com a promessa de obediência, comprometemo-nos a submeter a nossa vontade aos responsáveis naquele delicado equilíbrio que é a *autonomia e a dependência*.

A minha Lia, em 1989 assim escreveu:

«Obediência, isto é, dependência e, ao mesmo tempo, autonomia, capacidade e dever de assumir responsabilidades, de decidir tudo

ordenando sempre ao projecto supremo. Também para o cumprimento da promessa de obediência passa-se por “pontos obrigatórios”: normas, constituições, reuniões com os responsáveis. O responsável e o dependente obedecem conjuntamente às Constituições ”.

Pela promessa de obediência, submeto minha vida ao responsável para que juntos, na oração, possamos compreender o projeto de Deus para mim e também para o Instituto do qual faço parte. Não autorreferencialidade, mas docilidade; Não posso dizer nem pensar que a vida é minha e faço o que quero, mas minha vida é pela vocação recebida, tenho o dever de entender o que Deus quer que eu faça e devo fazê-lo em comparação com os superiores.

O Papa, por ocasião da Convenção, quis dirigir-nos uma mensagem que em si já é um programa. Ele diz:

«Hoje sois chamados a ser portadores humildes e apaixonados, em Cristo e no seu Espírito, do sentido do mundo e da história. A tua paixão nasce da admiração sempre nova pelo Senhor Jesus, pela sua forma única de viver e amar, de encontrar pessoas, de curar a vida, de trazer conforto. Portanto, o teu “estar dentro” do mundo não é apenas uma condição sociológica, mas uma realidade teológica, que te permite estar atento, ver, ouvir, compreender, alegrar-te, intuir as necessidades ».

Não são coisas novas, em comparação com Paulo VI, mas a modalidade é nova. Gosto de parar em alguns termos ou expressões. Hoje. Nem amanhã nem depois. Hoje, no meu dia a dia, na minha realidade sociológica que se torna realidade teológica. Hoje estou no mundo da escola com todos os problemas e dificuldades de que você já ouviu falar. Para alguns de vocês, hoje é a condição da aposentadoria, para outros do desemprego, ou da vida que se passa em um asilo. É em nosso hoje que Cristo deve ser testemunhado e anunciado. Nosso hoje é de todos, é a situação política que vivemos e a grave crise econômica que nos atinge. No meu hoje tenho que ficar olhando como Jesus curou a vida, trouxe conforto e fazer o

mesmo. Isso significa que minha condição sociológica, ou seja, minha condição em sociedade, passa a ser teológica, ou seja, eu trago Deus a você, falo de Deus sem pronunciar seu nome, mas com vida. O Papa em sua mensagem a certa altura diz: *dizemos o que Deus quer dizer ao mundo, agindo no mundo.*

Ficar por dentro significa ser uma presença transformadora no sentido evangélico. A imagem do sal e do fermento que usamos com frequência diz que nossa presença não é visível, mas significativa. E isso nos obriga a viver no mundo com nossas antenas sempre voltadas para o que se passa ao nosso redor, sem nos deixarmos dominar pelos acontecimentos do mundo: *Cuidado com o mundo com o coração mergulhado em Deus!* Portanto, minha vida deve estar entrelaçada com oração, ascetismo, silêncio, vida comunitária para encontrar energia, apoio, conforto, confirmação. *Somos consagrados seculares que, em muitos casos, cada um vive em sua própria casa, mas a vida fraterna deve ser alimentada para não se tornar mônadas e, permita-me, mônadas ácidas!*

O Papa também sugere atitudes espirituais que resume com os verbos *orar, discernir, compartilhar, ter coragem, ter simpatia.*

O Papa também sugere atitudes espirituais que resume com os verbos *orar, discernir, compartilhar, ter coragem, ter simpatia.*

Gosto de parar nas duas últimas: dar coragem! Cadê? Quando? Para quem? Aqui, agora, hoje, para as pessoas que o próprio Deus coloca no caminho. Hoje é o nosso kairós para dar coragem, para dizer que não devemos desanimar, nem recuar, mas continuar a acreditar no Deus que salva. No profeta Isaías lemos: 29, 13-14

«Diz o Senhor: “Visto que este povo vem a mim apenas com a boca e me honra com os lábios, enquanto seu coração está longe de mim e a veneração que eles têm por mim é um aprendiz dos preceitos humanos, portanto , aqui estou, continuarei a fazer maravilhas e maravilhas com este povo; a sabedoria dos seus sábios perecerá e a inteligência dos seus inteligentes será eclipsada ”».

Deus, apesar do formalismo que vê ao seu redor, apesar das infidelidades, apesar de que tudo está desmoronando, intervém,

intervirá. Ele continuará a fazer maravilhas não pelo seu povo, mas com este povo, isto é, com as mesmas pessoas que agora têm uma atitude formal e cujo coração está longe dele. Deus atua através de mim mesmo quando eu com o coração, com a cabeça e com tudo o que estão em outro lugar. Pensar nisso me desloca e me faz entender mais uma vez que Deus, quando faz as coisas, as faz de Deus!! A coragem que recebemos de Deus, devemos transmiti-la a todas as pessoas que encontramos em nosso caminho. Se nós, que vivemos em estreito contato com Deus, não nos permitirmos ser carregados de coragem por Deus, não seremos capazes de dá-la aos outros. Essa é uma grande responsabilidade que temos.

E ainda Is 40, 29-31:

«Ele dá força aos cansados e multiplica as forças aos cansados. Os jovens também lutam e se cansam, os adultos tropeçam e caem; mas quem espera no Senhor recupera as forças, põe asas como águias, corre sem se preocupar, anda sem se cansar ».

Somos chamados a dizer essas coisas, a dizer agindo, como diz o Papa: devemos ser um sinal de esperança e de coragem!

A outra expressão é ter simpatia pelo mundo e pelas pessoas. Está relacionado com o primeiro. O que é simpatia? É um sentimento de inclinação e atração instintiva por pessoas ou ideias, diz o dicionário Treccani. A simpatia que o Papa nos pede não pode ser instintiva, mas deve ser *orientada*, isto é, olhar com bondade para quem e para o que nos rodeia.

Eu, consagrada secular, eu Missionária do Evangelho, que vivo no mundo e na História, devo perscrutar os horizontes, reconhecer o Espírito que guia a história, reconhecer os sinais de esperança e de vida e, por sua vez, ser o intermediário porque as mulheres e os homens do meu tempo, para que as mulheres e os homens que cruzam o meu caminho reconheçam também a esperança, a vida, a beleza.

S. E. Mons. Carballo, secretário arcebispo para a vida consagrada, nas conclusões da conferência em que participei, sublinhou que é

necessário cultivar uma imaginação criativa para encontrar as razões e modalidades da nossa presença no mundo.

Fantasia criativa! O que isso significa? Talvez não tenhamos que inventar nada de novo a não ser olhar com novos olhos, um pouco encantados e surpresos com o que já está ali e cobrir tudo com novos significados.

Todos nós temos a tarefa de entender como estar presentes no mundo com imaginação criativa.

Pina Gulisano

A ENCARNAÇÃO CONTINUA?

Dom Gianni, neste artigo reflete sobre a encarnação, preparando-nos para o período do Natal, que agora se aproxima. A sua condição de dificuldade leva-o a pensar no Cristo sofredor presente em quem nos rodeia, a saber reconhecê-lo e dar-lhe espaço na nossa vida, nem sempre atenta e empática..

Caríssimas irmãs e caríssimos irmãos, saúdo-vos em Cristo crucificado e ressuscitado para a salvação de todos.

Pediram-me para escrever algumas reflexões para a Conexão na Encarnação, vários dias se passaram e não pude fixar nenhum pensamento. Que novidade pode ser dita sobre este aspecto fundamental de nossa fé que já não tenha sido dito por pessoas com competência, experiência e autoridade muito superiores à minha?

De repente, porém, um pensamento veio à minha mente quando me peguei compartilhando o almoço na minha situação atual.

Deus Pai, em Sua infinita misericórdia, providenciou nossa salvação por meio de Seu Filho amado, que se fez “carne” para compartilhar conosco nossa pequenez, nossos sofrimentos, nossas limitações e redimir com paixão e paixão toda a nossa humanidade. morte na cruz, apenas para ressuscitar na glória.

Tenho me perguntado se isso é algo que só aconteceu então, ou continua a acontecer hoje e por todos os dias futuros até Seu retorno. Obviamente a pergunta é retórica e a resposta é que Jesus continua

presente nas ruas do mundo e vem ao nosso encontro em nossos irmãos, que infelizmente muitas vezes não reconhecemos.

Então, partindo dessa consideração, pensei em todas as vezes em minha vida em que encontrei Jesus e não o reconheci!

Quantas vezes na minha atividade anterior estive perto de pessoas que sofrem e que precisariam não só do meu profissionalismo, mas também do meu amor e não pude oferecê-lo a elas!

Convido-vos também, queridos, a aproveitar esta oportunidade para reflectir: quantas vezes não fomos capazes de “ouvir” aqueles que precisavam de partilhar as suas necessidades, quantas vezes nos afastamos para não “ver”! Pensemos em todas as ocasiões em que ouvimos, compartilhamos e fizemos profundas considerações sobre Cristo presente na história e nas nossas realidades pessoais, sem nunca podermos, contudo, torná-las verdadeiramente atuais e operacionais na vida quotidiana!

Eu disse antes que essas reflexões agora se tornaram parte de mim e comecei a me sentir forte ao me ver compartilhando refeições em minha condição atual. Como algumas pessoas sabem, devido às minhas dificuldades, encontro-me num centro de acolhimento de idosos e pessoas com deficiência.

Comecei a observá-los com outro olhar, comecei a tentar entrar no mundo deles, pensei em Jesus que sempre abordou o sofrimento com profunda “compaixão”.

Os idosos que sentem saudades de quando foram os arquitetos dos rumos de suas vidas.

Pessoas que entraram em um mundo evanescente, em uma realidade onde não conseguem perceber quem são e com quem estão.

Laura, deficiente de nascença, que se comunica comigo pelo tablet e pelo WhatsApp e me escreve que a Santa Missa lhe encheu o coração. E eu pensei que ele estava mentalmente ausente!

Francesco, também deficiente de nascença, que sempre sorri e nunca perde a celebração eucarística.

Enzo, atingido por um derrame devastador aos quarenta anos, que tenta me fazer entender que está feliz com minha iniciativa de celebrar a missa todos os dias.

Eu poderia continuar indefinidamente, mas não acho que seja necessário. Acredito ter feito a ideia do que se passa em meu coração.

Agradeço ao Senhor por me mostrar o Seu rosto nestes irmãos e espero poder perceber aquela proximidade no sofrimento que Ele constantemente nos pede.

Queridos amigos, vivemos uma realidade de consagração secular de extraordinária profundidade. O carisma da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo que o padre Generoso nos transmitiu e inculcou em nossos corações não pode permanecer um conceito teórico, não pode ser uma reflexão que permanece em nível intelectual sem descer ao coração da caridade.

O nosso Instituto, com razão, foi concebido com um ramo dedicado aos “enfermos”. Padre Generoso o havia feito um componente fundamental para nossa reflexão teológica. Onde estão os doentes agora, o conceito de compartilhar o sofrimento ainda existe em nossas mentes?

Os membros sofredores nos quais Cristo está continuamente encarnado são o nosso recurso, a nossa salvação, o caminho que devemos percorrer se quisermos nos aproximar da verdadeira “meta”.

Mas não só, não esqueçamos que não se sofre só no corpo, mas também no espírito. Portanto, lembremo-nos de “ouvir” e “olhar” para aqueles que precisam sentir nossa proximidade. Vamos garantir que não nos distraímos com nosso mundo de interesses, problemas e dificuldades; voltemos parte da nossa atenção para os problemas e dificuldades daqueles que estão próximos de nós e esperam por nossa ajuda.

Esta é a “encarnação” que Cristo quer que levemos em consideração em nossa vida. Não nos lembramos da escada que se estende entre o céu e a terra, por onde os anjos sobem e descem? Essa escada leva Deus a se tornar “humanidade” e permite que aqueles que podem reconhecer Seu rosto no homem subam em direção à divindade.

Espero não ter entediado você, mas com certeza tenho transmitido a você o que está em meu coração!

Eu abraço a todos vocês e os abençoo em Cristo nosso Senhor.

Don Gianni

A FIDELIDADE E O AMOR NO MATRIMÔNIO

Neste artigo nosso Casal Colaborador do Brasil reflete sobre a fidelidade definindo-a como: “um dos maiores recursos do casamento”. A partir deste ponto fundamental, a relação conjugal se enriquece e se torna o hùmus sobre o qual cresce o ser uma só carne: vocação especial dos esposos cristãos.

A FIDELIDADE E O AMOR NO MATRIMÔNIO

É bonito ver duas pessoas vivendo anos e anos juntos. Aí alguns perguntam: “o que tem estes dois que estão até hoje juntos?”. O motivo é o amor e fidelidade recíprocos. Para muitos o matrimônio significa festa, Igreja cheia de convidados, muita pompa, nem que dure menos de um ano. Mas não é só festa. No momento em que dois que se amam, se unem em matrimônio, nasce os direitos e as obrigações do casal. Faz parte da vida em comum serem fiéis.

No início do relacionamento o que importa é o amor. Principalmente na fase de namoro. Um querendo estar sempre junto ao outro, abraçar, tocar, beijar. O amor, ele mesmo, aquele que no início faz tudo ser flores, mas que com o tempo de convivência consegue fazer o casal transpor as dificuldades que a vida reserva, e a continuarem sempre juntos e fiéis um ao outro. O amor conjugal, por sua própria natureza, exige dos esposos uma fidelidade inviolável (CIC n.1646). A fidelidade, por sinal, é um dos maiores bens do matrimônio. O parceiro não pode ter a certeza de que o outro vai lhe ser fiel à vida

toda, que não haverá traição. Um deve confiar no outro, pois ser fiel é ser fiel ao amor.

A fidelidade é de grande importância para a vida em comum. A cumplicidade deve ser cultivada nas menores coisas, já que ambos, quando unidos em matrimônio, é uma só carne, conforme podemos ver nas Sagradas Escrituras, “Então o homem exclamou: Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem. Por isso deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. (Gen 2, 23-24). Deus assim desejou, assim foi Seu projeto, dois vivendo um para o outro.

O que não tem razão de ser é a traição, é o engano, é a dissimulação. Nas sagradas escrituras, em Hebreus 13, 4, vemos que: “O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem mancha, porque Deus julgará os fornicadores e os adúlteros.” Ser fiel é manter o respeito familiar, o respeito conjugal, o que deve sempre prevalecer, pois servirão como exemplos para os filhos.

Sabemos que na sociedade em que vivemos, os apelos eróticos nas mídias, nas propagandas, são escancarados, o que necessita de muito amor e fé para que um casal permaneça sempre unido até que a morte os separe, pois, conforme nos diz o Cân. 1055, §1, do Código de Direito Canônico, o matrimônio é “o pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem o consórcio de toda a vida, por sua índole natural ordenado ao bem dos cônjuges [...]”.

A infidelidade seria uma transgressão à vontade de Deus, um desrespeito ao parceiro e quiza ao bem da sociedade conjugal, infringindo os valores do matrimônio e desvirtuando as relações entre ambos, e, por assim dizer, dando causa a brigas e, até da separação do casal. Conforme nos ensina o Papa Francisco, no n. 31 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, “O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja.”.

O sucesso do matrimônio exige dos parceiros o amor conjugal, que se tornem uma só carne, um só coração, uma só alma, ou seja, que haja amor e fidelidade, o que fortalecerá para a união ser indissolúvel. Confiar é não suspeitar do parceiro, não viver na desconfiança de que está sendo enganado. “Por sua própria natureza, o amor dos esposos exige a unidade e a indissolubilidade da sua comunidade de pessoas, a qual engloba toda a sua vida [...]” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1644).

Ari José Carvalhal
Casal Colaborador da Com. Santa Gemma Galgani
Salvador, Ba

AMOR E SANTIDADE CONJUGAL NA VIDA CONSAGRADA

Da Colômbia vem esta reflexão intensa, escrita pelo casal de esposos colaboradores. Trata-se de um tema muito fundamental sobre a presença dos Cônjuges Colaboradores em nosso Instituto. Reflete sobre o amor e a santidade conjugal na vida consagrada. Uma contribuição de reflexão que nos ajuda a crescer como casais e como Instituto na compreensão das especificidades das vocações na unidade do chamado à missão secular.

Onde a presença de Deus é mais transparente, na vida do ser humano, é no seu caráter de filho e fruto do seu Amor Criativo. Toda a vida cristã é marcada pela presença de Deus, pela ação salvífica de Jesus Cristo, seu Filho, e pela ação do seu Espírito, pelo fato de sermos da mesma linhagem, à sua imagem e semelhança. Essa semelhança começa a ocorrer fiel e progressivamente no lar, na vida familiar, muito semelhante à família trinitária.

Isso implica que aprendamos progressiva e gradualmente do Amor que é o mesmo Deus, em toda a nossa vida. Primeiro aprendemos a ser e amar como filhos, o que equivale a aceitar o dom da vida e o cuidado de Deus Pai e de nossos pais. Por meio dessa relação inesquecível, mas maravilhosa, aprendemos a obediência, a gratuidade, a piedade, a docilidade e a humildade de ser dependentes e corresponsáveis na vida. Isso requer uma atividade dinâmica, não passiva, de recebimento dinamicamente o ser que chega até nós através da criação contínua de nossa humanidade, de quem e por quem somos tão amados, Deus Pai.

Em segundo lugar, aprender o amor fraterno dos irmãos, o que implica aprender a compartilhar, a ser solidários, a separar-se de nós mesmos para construir em família e em comunidade os melhores valores e realizações da vida social. É a arte de sair de si mesmo.

Negar-se a si mesmo porque não tem tudo, não é tudo, não é onipotente. Aprendemos a trocar, começando com o que temos e dando aos outros, a estar com os outros, a olhar para os outros. Da capacidade de estar no outro e reconhecer a existência do outro e assim possibilitar a base da mesma estrutura do que vem em nossa vida ao sair do lar paterno e materno: que o bem do outro é meu bem, já a fonte de felicidade, bênção, maior bem-estar e segurança.

Surge a oportunidade de aprender o amor esposal, que é a entrega total de si e a busca de todo o bem que nós, esposos, oferecemos um ao outro. Na plenitude da vida aprendemos o amor paterno e maternal de Deus, criador, fecundo e culto que nos leva a cuidar tanto dos nossos filhos como das pessoas a quem servimos com a nossa profissão ou ofício. E no final de nossas vidas aprendemos o amor feito sabedoria e força, feito luz e sacrifício na entrega total de nós mesmos ao nosso próximo e manifestado em nossos avós, quando todos os nossos desejos estão centrados na entrega total de nossa Vida a Deus na perene gratidão.

No centro de nossas vidas está o amor conjugal, que é o amor, de ordem natural, corporal e espiritual, entre marido e mulher; duas pessoas maduras e afins, que se conhecem, se aceitam como são, que decidiram, diante de Deus e com Ele, unir a vida sacramentalmente e sem condições, para viver toda a sua existência em comunhão de vida e de amor. Optamos mais do que por um contrato, por uma vocação e missão compartilhadas em um projeto de vida comum. Optamos por uma aliança que permite a reparação, que permite a cura as doenças, as perdas e as exigências sociais da humanidade.

A Família faz sentido nestas quatro relações fundamentais da pessoa que encontram o seu pleno desenvolvimento na vida familiar: filiação, fraternidade, paternidade-maternidade e nupcialidade. Essas mesmas relações constituem a vida da Igreja. Experiência de Deus como Pai; experiência de Cristo como irmão; experiência dos filhos

de Deus no Filho; experiência do Espírito como Amor e doação total dos Dons de Deus na Igreja”(Puebla 583).

Nós, parceiros da IMSP, sentimo-nos identificados com as novas exigências do verdadeiro discipulado e de toda a vida consagrada e apostólica na Igreja. Somos casais consagrados, chamados à santidade, próprios aos casais e no âmbito do casamento. Somos uma santidade “matrimonial”, ou seja, duas santidades que se complementam, que se ajudam, que se dão em comunhão de vida e de amor com Deus. Esta comunhão se fortalece em Cristo unido na Eucaristia, onde se realiza a plena realização dos dois: de uma vida de dois totalmente em conjugalidade com o Pai por meio de Cristo, para a salvação de cada um dos irmãos da comunidade eclesial. Eucarística em e com Cristo, oferecemos a nossa vida em santo sacrifício, com Ele, para viver a partir de agora o banquete das bodas do Reino dos filhos de Deus.

Por: Claudia Soraya Gaitán - Eduardo Ignacio Figueredo
Esposos Colaboradores Colombia

COLUNA DOS COLABORADORES

A coluna relata o artigo de Claudio e Cetty em que, juntos, refletem sobre o casal e a relação familiar nas condições de "contato próximo" devido aos períodos de quarentena impostos pela pandemia, que a partir de possíveis crises abrem caminhos para uma oportunidade de crescimento.

DOS RESPONSÁVEIS GERAIS DOS CASAIS COLABORADORES

Familia lugar de amor “circulante”

Um dos slogans gritados nesse período é: Vai ficar tudo bem!
Não custa nada acreditar nisso.

Mas a maior preocupação estava ligada à convivência familiar e, sobretudo, à manutenção dos laços do casal. Casais que conseguiram enfrentar as dificuldades juntos certamente relataram níveis mais baixos de estresse e foram capazes de olhar para o futuro com mais esperança e entusiasmo.

O Papa Francisco nos diz que “a pandemia destacou o quão vulneráveis e interconectados somos todos. Se não cuidarmos uns dos outros, começando pelos menos, dos mais afetados, inclusive da criação, não poderemos curar o mundo”.

A erupção do coronavírus trouxe à tona a questão das relações. Neste período, a tecnologia nos ajudou a manter contato e, com o uso dessas ferramentas, pudemos trabalhar e estudar em casa e acompanhar as celebrações litúrgicas. No entanto, isso não foi suficiente e não foi suficiente para manter relações humanamente satisfatórias.

Já em anos anteriores entendia-se que a revolução digital, smartphones, redes sociais, chats, mensagens de texto, Instagram, videogames online nos dão a sensação de estar em contato com outras

pessoas, mas na verdade tudo isso contribui para o isolamento. dentro de nossas casas, em nossa vida.

Na verdade, acontece que a sugestão exercida pelas relações virtuais pode levar a desvalorizar as relações reais, em particular cheiros e sabores (é surpreendente que entre os sintomas do coronavírus está a perda da capacidade de perceber cheiros e sabores), limites, tudo que pertence essencialmente a uma pessoa de carne e osso. Existe o risco de apagar a corporeidade.

E como o tempo disponível é limitado para todos, fica claro que o tempo dedicado aos amigos virtuais é tirado dos amigos reais. Essa consideração já deveria levar a relações privilegiadas com os últimos, os únicos dignos desse nome.

Tudo isso exige uma revisão profunda de nossa maneira de nos relacionarmos com os outros. (A. Onger, Uma pandemia de amor).

A pandemia revelou o vazio relacional em que vivemos. O coronavírus trouxe à luz patologias mais amplas, uma delas é a visão distante da pessoa, um olhar que ignora sua dignidade e seu caráter relacional. Às vezes, vemos os outros como objetos a serem usados e descartados. Na verdade, esse tipo de olhar nos cega e não nos faz crescer como seres humanos e como sociedade.

O casal nesta situação particular encontrou-se perante novos desafios que aumentaram significativamente os níveis de stress familiar e se as famílias, onde existem crianças com idade superior a 18 anos, acabaram por ser as que conseguiram fazer face à situação. e para expressar um maior bem-estar sob todos os pontos de vista, o mesmo não pode ser dito para as famílias com filhos pequenos, e principalmente adolescentes, que foram particularmente testados também no que diz respeito às habilidades de apoio entre os cônjuges diante dos acontecimentos. estressante. Isso nos faz compreender como a relação do casal tem um papel protetor para o bem-estar das pessoas.

A família se viu diante de uma novidade que se materializou em um melhor equilíbrio familiar, em mais relacionamentos saudável e verdadeiro entre as pessoas, bem como respeitador do passado e do presente. Ver-se passando o dia inteiro em casa, compartilhando

continuamente espaços domésticos, muitas vezes tendo que conciliar o trabalho, no modo de trabalho inteligente e na gestão dos filhos, tem prejudicado o relacionamento entre casais e entre pais e filhos.

No entanto, a crise tem potencial em si mesma: ela destrói para recriar algo novo.

Para que isso seja realmente o caso e para que a crise se aproveite, os indivíduos e as famílias devem usar bem seus recursos.

As relações virtuais criadas devem ser revistas nesta perspectiva, tentar transformar amizades virtuais em pessoas reais e recriar relações verdadeiras, aumentando a capacidade de ouvir primeiro a si mesmo e às suas emoções e necessidades, e depois do que os dos outros, respeitando o espaço do outro e esculpindo um para si, na solidão, para manter aquela fronteira certa que deve existir entre as pessoas.

Mesmo o casal, apesar das dificuldades objetivas, deve ganhar tempo para se dedicar à intimidade e ao conflito construtivo. A possibilidade de pedir ajuda quando necessário também é um recurso que todos podem colocar em prática e que serve à família e também à comunidade.

A família, como pequena igreja, é chamada a promover relações saudáveis e construtivas também na comunidade eclesial. A distância da Eucaristia entristecia-nos, mas o que mais sentíamos falta não era o sacramento mas o seu fruto, o verdadeiro fruto da Eucaristia, isto é, o contágio do amor.

Certamente é este Amor que está circulando a solução para esta crise que vivemos.

A família e a comunidade eclesial são chamadas a testemunhar o amor de Cristo como caminho para redescobrir a esperança amanhã.

Claudio e Cetty Grasso
Resp. Gerais dos Casais Colaboradores

EM MEMÓRIA DE...

UMA AFETUOSA MEMÓRIA DE RINA SAMPIERI

Fomos ligados a Rina Sampieri por uma amizade querida e afetuosa e ficamos muito edificados pela profundidade de sua vida espiritual, alimentada por sua constante referência à Palavra de Deus, por seu amor apaixonado por Cristo crucificado e por sua convicta adesão ao carisma passionista de 'IMSP, ao qual ela se juntou como missionária. Durante o nosso relacionamento tivemos a oportunidade de trocar muitos conhecimentos sobre a nossa vida, por isso acreditamos que é justo compartilhar alguns que destacam a beleza de sua pessoa e a riqueza e originalidade de seus caminhos de vida, dos quais você pode ver como Rina é permitido ser guiados com amor por Deus no surpreendente caminho da vida.

Sua personalidade era bela e fascinante, graças à inteligência, entusiasmo, paixão, tenacidade com que enfrentou a vida. Buscando sempre melhorar e abrir o nosso Instituto para horizontes de uma presença mais incisiva no mundo, tanto com o testemunho de vida como com a evangelização.

Durante muitos anos, foi a animadora dos “cenáculos” de Mascalucia: grupos de oração e estudo bíblico com as famílias locais. Ele planejou poder testificar nossa fé nas escolas por meio de reuniões com os jovens.

Quando menina tinha sido uma nadadora excepcional, capaz de mergulhar, em apneia, dezenas de metros para explorar o fundo do mar do qual gostava de narrar as maravilhas.

Quando ainda jovem, ela teve uma doença pulmonar grave que a obrigou a uma longa permanência no hospital. Esta doença a deixou

em más condições de saúde para o resto de sua vida, mas naquele período de hospitalização nasceu sua vocação para servir os enfermos no hospital como enfermeira.

Filha de um engenheiro ferroviário de origem siciliana, ela ainda guardava vívidas lembranças dos primeiros anos de sua vida na Sicília. Um dia, voltando juntas de carro dos exercícios espirituais da Praça Armerina, ela nos pediu que a levássemos à estação ferroviária de Enna, onde, já pequena, com sua mãe, tinha ido visitar o pai, ali para a reconstrução da linha. Via ferrata danificada pela guerra. A memória do pai estava viva, ela ainda parecia vê-lo vindo em sua direção com carinho, elegantemente vestido de branco. Rina também nos contou sobre alguns atos heróicos que seu pai havia cometido durante a última guerra mundial, impedindo um massacre ferroviário planejado pelo inimigo.

Sua vida foi repleta de importantes conquistas profissionais. A maior parte passou em Gênova, onde morou e se formou como enfermeira profissional. Também se dedicou à formação de novas enfermeiras, tanto na Itália como na América, onde alcançou a fama de sua grande preparação profissional e didática.

Já madura teve a oportunidade de trabalhar como enfermeira-chefe em um importante hospital da Lombardia, mas a certa altura recebeu o inesperado telefonema de um gerente do Hospital Ascoli Tomaselli de Catânia que a convidou a contratar a posição de enfermeira-chefe neste hospital. Rina se viu então tendo que decidir na hora o que escolher. De repente ela se sentiu atraída pela luz do sol e pelo clima ameno da nossa Sicília e decidiu aproveitar esta oportunidade para poder desfrutar plenamente. Com grande pesar, ele deixou sua família e lugares queridos e se aventurou em Catânia.

Inserida no setor de infectologia da Tomaselli, que apresentava inúmeras deficiências organizacionais, conseguiu com grande esforço e determinação fazer uma melhoria substancial. Nesta enfermaria do hospital, há cerca de vinte e cinco anos, conheceu o Padre Generoso Privitera, que ali estava internado por vários problemas de saúde.

Assim nasceu a profunda relação humana e espiritual que a ligou muito aos Padres Passionistas da comunidade de Mascalucia. Rina encontrou no Padre Generoso o guia iluminado que a conduziu à escolha vocacional da vida laica consagrada no IMSP.

Os Padres Passionistas encontraram na Rina uma amiga com quem partilhar os almoços dominicais e uma profissional sempre disponível para todas as necessidades de enfermagem de que a comunidade necessita. Por muitos anos Rina assistiu Padre Generoso com muito carinho e abnegação durante a doença que o levou à morte em 2013. O estado de saúde debilitado que a acompanhou durante muitos anos piorou gradualmente: teve de se submeter a várias cirurgias e hospitalizações que prolongaram a sua vida mas a tornaram cada vez menos autosuficiente e carente de tratamento.

Passou vários anos nessas condições, durante os quais foi perdendo gradativamente sua autonomia, até que era impossível dar um passo sem o apoio de alguém. No entanto, ela não queria ser internada em um centro de saúde, confiante de que o Senhor não faria com que faltasse a ajuda de que precisava. Não faltaram algumas dificuldades na relação com os vários cuidadores que conseguiu gerir com a ajuda das várias pessoas que a amaram, incluindo as irmãs e os irmãos do Instituto. O seu quatinho luminoso, onde passava dia e noite, tinha-se tornado para ela a cela do convento onde triunfou um Cristo crucificado com quem partilhou cada momento da sua vida que passou sereno e abandonado à sua vontade.

Até ao fim teve o cuidado de seguir o caminho do IMSP, informando-se do que se passava, dando sugestões e acolhendo com carinho quem a visitasse.

Deixou-nos em plena COVID, e alguns dias antes de sua morte nos telefonou para dar algumas indicações de como conseguir uma oferta para a “Casa di Maria - Vino di Cana” (família adotiva de menores em grave dificuldade), para o cuja história se apaixonou e que sonhava visitar, dando-nos assim, até ao fim da sua vida, um testemunho do seu grande amor a Deus e ao próximo.

Querida Rina, nós te amamos e sentimos tanto sua falta! Ore por nós!

Mariella e Salvatore Borzì

CRÔNICA FLASH

- No dia 27 de abril de 2020 em full lockdown, o Presidente fez uma videoconferência com todos os membros do grupo do Peru e da Colômbia, também presentes: pe. Ricardo Quintana do Peru, pe. Tarcisio Gaitan e Catherine Castrillon da Colômbia, Sara Elena Rios do México como delegada de treinamento por mandato do Presidente. Esses encontros são necessários para criar comunhão com o Centro com as novas realidades emergentes.
- No dia 14 de junho de 2020, a comunidade de Catânia, respeitando as regras de prevenção do coronavírus, realizou uma primeira reunião ao ar livre, discutindo a emergência covid-19; para cada um esta experiência única tanto para a igreja como para os fiéis é um “sinal dos tempos” para saber ler, para que se torne um factor de crescimento espiritual e por isso é necessário fazer uma leitura sábia dela. O dia terminou com a celebração eucarística.
- No dia 5 de julho de 2020 foi realizado um segundo encontro no qual a palestrante Grazia Napoli encerrou o ano social com uma síntese dos temas abordados neste ano.
- A partir de 22 de julho de 2020, o Centro de Estudos Mascalucia começou a se animar com a chegada e permanência de alguns membros do IMSP vindos do Norte da Itália para os trabalhos da Consulta, CVFS e Conselho Geral realizados respectivamente em - 24 – 25 Julho. Dada a

extensão da epidemia de coronavírus no mundo e especialmente na América Latina, para evitar o deslocamento de conselheiros das áreas mais afetadas pela pandemia, decidiu-se realizar a sessão do Conselho Geral por videoconferência e, para dar a possibilidade de participar em toda a sessão, devido ao fuso horário diferente, decidiu-se realizar o Conselho em dois meios dias da tarde, marcando-se para as 16 horas do sábado, 25 de julho, e no domingo, 26 de julho, hora italiana.

- De 29 de julho a 02 de agosto de 2020 na casa dos Exercícios Espirituais do Santuario dell'Addolorata dei PP. Passionisti in Mascalucia realizaram o curso de Exercícios Espirituais do I.M.S.P organizado pela Comunidade de Catania em que participaram alguns membros da Comunidade de Agrigento; o tema foi “Caridade e justiça para construir a civilização do amor”. Os exercícios foram conduzidos por Mons. Michele Pennisi, bispo de Monreale. Durante a celebração, ao final dos exercícios, o casal Cunsolo Aurelio e Santina Costanzo fizeram promessas temporárias.
- No dia 30 de agosto de 2020 no Brasil na Comunidade Rainha da Paz, Diva Eterna Viera fez a consagração temporária durante os exercícios espirituais dirigidos pelo pe. Wesley c.p e com a presença dos noviços Valto e Renato.
- Em 12 de setembro de 2020, Sulman Del Pilar Hincapie 'Rojas fez a consagração temporária no grupo colombiano. Na ocasião o grupo criou através do Zoom uma conexão com o Community Manager da Catânia, Presidente e Responsável Geral pela Formação, para permitir que participe na Celebração Eucarística e crie um momento de comunhão.



- Em 21 de setembro p.p., na comunidade Santa Gemma Galgani, em Salvador-Bahia, foi comemorado o aniversário de **90 anos** de Therezinha Perri Bandeira. Na foto, o Padre que oferece flores a Therezinha com um abraço é um ex-aluno de catecismo que ela orientou e encaminhou para o seminário. Foi um momento emocionante porque para a aniversariante foi como receber um abraço das mãos de Deus..



O CANTO DO LIVRO

curadoria de Mariella e Salvatore Borzì

Chamamos a sua atenção estes dois livros que nos ajudam a compreender melhor a sacralidade da união matrimonial, os propósitos e a missão dos cônjuges na Igreja.

Sposi e Santi - Dieci profili di santità coniugale

Editado por Ludmila e Stanislaw Grygiel – Ed. Cantagalli

"O caminho de santidade empreendido juntos, como casal, é possível, é belo, é extraordinariamente fecundo e é fundamental para o bem da família, da Igreja e da sociedade". Este livro traça o perfil humano e espiritual de alguns cônjuges santos: Raïssa e Jacques Maritain; Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi; Gianna Beretta Molla e Pietro Molla; Franz e Franziska Jägerstätter; Wiktorja e Jòzef Ulma; Giovanni Gheddo e Rosetta Franzi; Louis Martine Zélie Guérin; Giovanni Yu Jung-Cheol e Lutgarda YiSun-I, Santa Maria e São José de Nazaré



Una missione da condividere – Sacerdoti e Sposi: insieme per testimoniare il Vangelo

*de Renzo Bonetti e Salvatore Bucolo
Ed. Porziuncola*

Nas páginas deste livro é apresentada a experiência vivida da maravilhosa complementaridade entre o sacramento da Ordem e o do Matrimônio, ambos provenientes da única fonte de cada vocação, que é o Espírito Santo. Os autores felizmente resumem essa complementaridade, por exemplo, quando é afirmado: “somente quando a Ordem e o Casamento são espelhados um à frente do outro com espanto e admiração, ambos poderão reviver a beleza divina que habita em si e no

outro, iluminando a verdade um do outro e, ao mesmo tempo, compreendendo o seu orgânico e estrutural. Complementaridade”.



A revista semestral **Synaxis** (XXXVII /! - 2019), do **Ateliê Teológico S. Paulo de Catânia**, apresenta um estudo aprofundado da figura multifacetada de **Dom Luigi Sturzo, sacerdote e sociólogo calabreso**. Este é um número monográfico desejado e editado inteiramente pelo padre **Francesco Brancato, professor catedrático do Estudo Teológico “San Paolo di Catania”**, por ocasião do encerramento do Ano Sturziano no dia 18 de janeiro passado. A obra acrescenta profundidade à reflexão sobre Sturzo e é um contributo qualificado, de várias vozes, para o aprofundamento da sua ação e da sua obra, através do contributo de vários autores. « *«Estas palavras têm uma importância excepcional também para o presente histórico - afirma Dom Brancato na sua introdução - . A figura, o*

pensamento e a obra de Luigi Sturzo, absolutamente atuais, são mais uma razão pela qual o passado se torna uma memória geradora de um presente e futuro evangelicamente informados ”.

O número da Synaxis no Don Luigi Sturzo (€ 15,00) pode ser solicitado com CCP n.12874954

***feito para: Studio Teologico S. Paolo
Viale Odorico de Pordenone, 24 – Catania***